

Na esteira de Michel Foucault: a biopolítica.

Anotação preliminar: Seria conveniente ler para acompanhar a aula com mais facilidade:

- Rodrigo Castro y Emmanuel Chamorro (eds.): **Para una crítica del neoliberalismo. Foucault y *Nacimiento de la biopolítica***, Lengua de Trapo, Madrid 2021.

Na contracapa do livro figura a seguinte apresentação: “ ***Nacimiento de la biopolítica*** es, hasta la fecha, el curso de Foucault que más impacto ha tenido en el debate actual contemporáneo. El hecho de que su publicación se haya producido a principios de este siglo ha permitido que el primer gran acercamiento crítico al neoliberalismo coincida, por un lado, con la época en que el mismo ha desplegado por completo su hegemonía a nivel mundial y, por otro, con el momento en que se ha enfrentado a su mayor crisis.

Con aportes de la filosofía política, la sociología y la historia, este libro ofrece diferentes acercamientos a ***Nacimiento de la biopolítica***. Aquí, más de una decena de especialistas de reconocido prestigio establecen conexiones con la obra foucaultiana y evalúan algunas de las lecturas que se han hecho del curso dentro del pensamiento contemporáneo. Entre todos estos análisis destaca como una preocupación transversal la pregunta por el neoliberalismo. Quizás la interrogante más decisiva de nuestro tiempo, cuando advertimos de un modo cotidiano y descarnado los efectos catastróficos de esta forma de gubernamentalidad.

Para una crítica del neoliberalismo trasciende el interés exclusivo por el pensamiento de Foucault, para convertirse en un instrumento de intervención sobre el presente”.

O que se vai fazer é resenhar com brevidade e de modo oblíquo, por força parcial (*pois o tempo da aula e o desenvolvimento da mesma nom permite mais*) cada um dos dazasseis capítulos do livro:

Antonio Rivera: El final de la política: la influencia de Foucault y Duchamp en los escritos de Lazzarato contra el neoliberalismo.

O curso em questom é o de 1978-1979, quando nem Thatcher nem Reagan tinham chegado ao poder. Autores como W. Brown – *a quem se adicará um tópico do presente Curso de Filosofia* - , Christian Laval e Pierre Dardot - *que foram estudados em Cursos de Filosofia de edições anteriores* - ou Maurizio Lazzarato para quem o neoliberalismo de Foucault, ao estender o mercantilismo a todas as esferas, produz uma nova subjetividade, que aspira a converter o ser humano em sua totalidade em *homo oeconomicus*.

Diria W. Brown que o *homo oeconomicus* é muito diferente do de Smith ou Bentham, uma vez que ele nom é um comerciante ou empresário convencional. E isse novo *homo*

oeconomicus supom o declínio do *homo politicus*, o que compromete a pensar o neoliberalismo como o fim da política.

Hoje poderíamos dizer que o capital financeiro é o modelo para pensar essa nova subjetividade. As diferentes esferas – política, familiar, educacional, trabalhista, judicial, religiosa, artística... - expressam-se em termos económicos. E tudo isso conduz à crise do público e do Estado de bem-estar.

Maurizio Lazzarato vai criticar em Foucault os limites do ordoliberalismo para pensar o neoliberalismo. E vai entender a luta política em contra do neoliberalismo desde a crítica artística: o rejeito do trabalho, uma espécie de defesa do <<direito à preguiça>>.

Na aula debaterá-se sobre O Capital de Marx e, mais em concreto, a respeito do fetichismo da mercadoria e se é coincidente com as teses anteriores.

José Luis Villacañas Berlanga: La última neutralización: Ordoliberalismo y Foucault.

Argumenta que Foucault não diferencia adequadamente o ordoliberalismo e o neoliberalismo, o que leva a uma falsa genealogia do presente e dignifica o neoliberalismo atual a partir de teorias do passado que respondem a outro contexto histórico. E também assevera que o que avistou Foucault no final dos anos setenta do século passado não é o que olhamos no primeiro terço do século XX.

Villacañas faz-se algumas perguntas: não será que o neoliberalismo guia à negação de tudo serviço público?, não será que o anterior acontece por romper com todos os aspectos da comunidade?, o neoliberalismo consumado vai deixar de ser biopolítico?, como é que pode ser biopolítico o *homo oeconomicus* individual?, como é que pode se dar uma biopolítica sem Estado? Perguntas que o faz concluir que as aulas de Foucault estavam inacabadas.

Também critica Villacañas esse cheiro determinista e fatalista que parece sair dum processo dirigido e consciente.

Adán Salinas Araya: El pasaje del coloquio Lippman. Observaciones sobre el caldo germinal del neoliberalismo.

Este artigo especifica e aprofunda o que foi levantado no imediato anterior.

Somente se vão a debater algumas das conclusões:

- Algo que Foucault não atende - por mais que o faça respeito da economia social de mercado - que se trate dum pacto entre o grande negócio e certas posições económicas (algo assim como um caldo inicial). E a extrema direita da época está comprometida com esta agenda.
- Há que prestar atenção ao ordoliberalismo, embora não para reproduzir a hipótese dum bom neoliberalismo alemão e um mau neoliberalismo

norteamericano... Sim para dizer que nom se enmarca dentro das propostas welfaristas (mais bem adaptam-se...).

Rodrigo Castro Orellana: La invención de Foucault como <<pensador neoliberal>>. Una respuesta a Michael C. Behrent y Daniel Zamora.

Para Zamora o debate intelectual dos anos setenta reduz-se a escolha entre aceitar o capitalismo ou submeter-se à política socialista de redução das desigualdades. E afirma que Foucault escolheria a pós-revolução neoliberal. Isto último quadra mal com o objetivo de Foucault de construir uma olhada heterodoxa do presente... Nista crítica de Zamora também se ubicaria Behrent.

Os dispositivos neoliberales vam muito mais longe do anterior, pois caminham na destruição de qualquer possibilidade dum sujeito político revolucionário ao tempo que genera formas de exclussion e de exploração inéditas e tudo em aras a reforçar um processo de neoliberalização planetária.

O verdadeiro debate de fundo, uma vez deslocadas leituras injustas e interessadas, seria saber se as análises de Foucault respeito dos dispositivos neoliberales conservam ou nom a sua vigência e servem ou nom para esquadrihar a nossa confusa e complexa atualidade.

Sandro Chignola: Back tho the Eighties: Michel Foucault y el neoliberalismo.

Muito relevante o que ele aponta sobre a importância de compreender a Michel Foucault como um tudo (opiniom de Deleuze), a relevância de seus livros dessa época, a atenção ao contexto em que o livro em questom da biopolítica é produzido (um exemplo, ao invés de criticar a Marx está a se referir aos problemas dos partidos comunistas), complementar com outros textos coetâneos (duas conferências que ele pronunciou em Kyoto e uma terceira sobre governamentalidade na Itália). *Mas só se podem traçar algumas linhas para discussom em sala de aula.*

Foucault faz seu próprio percurso polo ordoliberalismo e o neoliberalismo americano no quadro de uma analítica do poder que parte da questom fulcral da *resistência*, pois a operação liberal de esvaziamento da soberania e do sujeito tem sua contrapartida, seu reverso. Como subtrair “a alma”, da que falava Margaret Thatcher, do objetivo prioritário das *tecnologias do governo* para praticar um pensamento e uma subjetivação diferentes será o alvo nuclear dos sucessivos cursos no *Collège de France* e de muitas outras intervenções. Dar a conhecer os dispositivos que apoiam essas operações e ir à procura da imanente e constante crítica por parte dos governados. O soberano é pensado pela teoria política moderna como irresistível. No entanto, a resistência é um componente irreduzível do Governo.

Pensar e atuar à altura do tempo é *libertar-nos da máquina de individuação neoliberal e praticar outro tipo de política.*

Jorge Álvarez Yágüez: Presencia y ausencia del curso *Nacimiento de la biopolítica* en la obra del último Foucault.

Embora seja um trabalho denso e detalhado exclusivamente a nota é feita duma a modo de conclusom final: *“... Con todo, si se quiere tener una perspectiva global del conjunto uno debiera remontar toda esta problemática a las calas en el concepto de gobierno, que si bien tiene precedentes, fue el curso de **Seguridad, territorio, población**, del que **Nacimiento de la biopolítica** es un corolario, el que significó la verdadera inflexión. Es hacia él al que remonta esa categoría que subtiende hasta el final todos sus trabajos. Toda la presencia del curso sobre el neoliberalismo creemos ha de situarse en esos contenidos términos, por eso a la luz de la amplitud y naturaleza de todo el trabajo foucaltiano posterior bien podría también hablarse de su ausencia”*.

Daniele Lorenzini: Gubernamentalidad, subjetividad y forma de vida neoliberal.

Apenas a introduçom é brevemente coletada.

Para os que defendem o neoliberalismo é uma oportunidade sem precedentes de exercitar sua liberdade em qualquer lugar, sem impor nenhuma forma específica de vida.

Muitos académicos, e em particular aqueles que adotam posiçoms materialistas, nom consideram o neoliberalismo emancipatório, do contrário é inerentemente opressor, porque perpetua e radicaliza o domínio econômico e social dalguns sobre muitos.

Foucault pensa que tal dicotomia emancipaçom/opressom nom dá conta da singularidade e complexidade do governar neoliberal e Lorenzini cavila que a ética do <<cuidado de si>> nom está exemplificada no sujeito neoliberal e ainda mantém um significado crítico para os nossos dias.

Foucault pom em questom três ideias enganosas: que o neoliberalismo seja um renascimento de velhas teorias económicas...; que apenas estabelece ligaçoms de mercado; e que nada mais é, no plano político, do que encobrir uma intervençom administrativa generalizada do Estado.

O neoliberalismo é para Foucault uma racionalidade e uma arte de governo específicas. É um prolongamento e uma ruptura com o liberalismo clássico que tem por objetivo modelar o exercício global do poder político sobre os princípios duma economia de mercado, uma racionalidade ditada polo mercado em três temas interligados: a açom sobre o meio ambiente, a liberdade individual e uma forma específica de subjetividade.

Johanna Oksala: Feminismo y gubernamentalidad neoliberal.

Explicitarám-se na aula as palavras finais deste artigo:

“ Mientras que he intentado argumentar que el pensamiento de Foucault nos provee de herramientas valiosas para un diagnóstico riguroso de las implicaciones del avance del neoliberalismo para la investigación crítica, reconozco, sin embargo, que este pensamiento solo será insuficiente para la tarea preceptiva que debe seguir – esto es, para el proyecto político de designar y promover racionalidades políticas alternativas para la regulación de las prácticas mediante las que somos gobernados y nos gobernamos a nosotros mismos - . Además de una política medioambiental de largo alcance, puede que los proyectos marxistas-feministas radicales demuestren ser inestimables para dicha tarea. Sin embargo, espero haber evidenciado que nosotros no podemos simplemente retornar al socialismo o a los feminismos marxistas como si el post-estructuralismo nunca hubiera tenido lugar, ni tampoco podemos simplemente complementarlos con la política meramente cultural del post-estructuralismo. Nos enfrentamos a nuevos desafíos que tienen que ser encarados y afrontados con las herramientas políticas y teóricas más afiladas que tengamos a nuestra disposición. El pensamiento de Foucault debería continuar siendo una de esas herramientas”.

Francisco Vázquez García: del *welfare* al *wellness*: las tecnologías del bienestar y el gobierno de las subjetividades en el liberalismo avanzado.

A urgência, que se reitera de contínuo, conduz neste caso a nos limitar à introdução e tomar nota de que quando fala de governo não está a se referir ao poder executivo dos Estados modernos, aliás ao que seria a governamentalidade ou condução das condutas nas sociedades; assim mesmo os critérios e racionalidades de tal condução; igualmente como são construídos os sujeitos do governo, através de que procedimentos ou tecnologias; também que possibilidades de contra-condutas ou resistência possuem os governados... E três perguntas para debater:

- É o bem-estar a forma universal de legitimar o governo dos seres humanos?
- Como pode ser distinguido o <<bem estar>> promovido pelo <<governo social>> característico dos <<Estados-providência>> ou <<Welfare States>>, em relação ao <<bem estar>> promocionado pelo <<governo liberal-avançado>> ou <<neoliberal>> característico do nosso momento histórico?
- As técnicas habilitadas para induzir o <<bem estar>> no governo liberal-avançado, substituem as existentes ou sobreponhem-se numa nova configuração?

Daniel Zamora: En busca de una gubernamentalidad de izquierdas.

Que deveria ser a esquerda? Esta questão torna-se nuclear a partir da metade dos anos setenta na França. É essencial compreender que Foucault e outros intelectuais do pós-68 participaram no projeto de pensar uma esquerda que não fosse socialista, uma esquerda que figura <<tabula rasa>> do herdamiento da pós-guerra...

Foucault pensou que seria preciso inventar um novo tipo de política para abrir um caminho para a esquerda que não rejeitara mais o mercado e criara um espaço livre da normatividade da governamentalidade do Estado social compartilhada por gaullistas e comunistas. Não se tratar de reforma na vez de revolução, de outro modo: de microresistências e de experiências locais em contra do exercício vertical do poder. Rejeita toda análise abstrata ou geral nos seus compromissos políticos. E achará no neoliberalismo - para a sua militância nas margens e para as lutas quotidianas de excluídos, presos, imigrantes ou doentes mentais - um quadro interessante em sua concepção do que teria de ser a crítica social, aquela arte de <<nom ser tam governado>>.

Emmanuel Chamorro: Foucault y el neoliberalismo realmente existente. Repensando Nacimiento de la biopolítica.

Artigo muito relevante para conhecer o contexto do livro de Foucault, quando o escreveu, e também para saber da sua repercussão no século XXI, que foi quando se editou.

O livro considera Chamorro que foi uma espécie de bomba que estourou quase três décadas depois, ao publicar-se em 2004 e traduzir-se mais tarde.

Esse curso do 79 revela a preocupação de Foucault em compreender o seu tempo marcado pelo surgimento de novas formas sociais, culturais e de subjetividade e por um distanciamento do modo tradicional de ação política. Tal política tradicional girava em torno dos grandes partidos, dos sindicatos..., e tinha por único objetivo a tomada do poder estatal. Assim mesmo estão a se substituir as demandas de redistribuição pelas de reconhecimento (identitárias). E trinta anos mais tarde acende um debate sobre a sua relevância para entender o presente.

Matina Chamorro que o gesto foucaultiano de dotar de entidade própria ao neoliberalismo, e não o considerar como atualização de avelhantadas dinâmicas econômicas, é um solo para estabelecer uma análise séria e complexa das formas contemporâneas de poder. Embora sem se afastar da economia. Combinar, já que logo, a matriz foucaultiana com a marxista.

E conclui com estas palavras: *“ El reto al que nos aboca la crisis del neoliberalismo y el ascenso de fuerzas autoritarias y antidemocráticas es hoy el mismo que hace cuarenta años: reinventar la imaginación política y buscar soluciones democráticas a las demandas tanto de reconocimiento como de redistribución. En este preciso sentido, la reflexión foucaultiana se hace relevante a la vez que exige un ejercicio de problematización y actualización. En estas páginas he pretendido simplemente señalar algunas direcciones posibles, los caminos, sin embargo, los harán los pasos”.*

Sverre Raffnsee y Alberto Coronel: El nacimiento de una historia natural interminable. Continuidad y transiciones entre razón de Estado, biopolítica, liberalismo y Antropoceno.

As doze aulas ministradas por Foucault na primavera de 1979 no *Collège de France* tratam, entre outros, da arte de governar, da povoação, do liberalismo, do neoliberalismo, do Estado, da sociedade civil, da economia política, da soberania, da empresa, da liberdade e da segurança. E parece estar a descrever o nascimento dum futuro iminente e que ainda hoje nos deixa de nos causar surpresa pelo seu grau de atualidade. E o seu marco ou referencial teórico é a análise “*de la racionalización de la práctica gubernamental en el ejercicio de la soberanía política*” para desembocar no estudo das diferentes variantes geográficas do liberalismo. Estas aulas têm de se considerar um alongamento das de 1978 a respeito de segurança, território e povoação.

A tornar saliente o seu exame da constituição da governamentalidade na modernidade como um romper com a natureza transcendente do poder pastoral e sinala uma primeira racionalização especificamente secular da arte de governo vinculada com a razão de Estado.

Entre outros assuntos indaga como uma forma de poder, que tem por objeto a biologia das sociedades humanas, adquire uma importância inusual no presente na relação entre a biopolítica e os totalitarismos do século XX e, de forma mais minorada, na forma de enfrentar o terrorismo hoje.

Ernani Chaves: <<Passe-moi le sel, je te donne le poivre>>: liberalismo, neoliberalismo y producción de subjetividades.

Na sala de aula será explicada e discutida a citação, parte final do artigo, que vem a seguir:

“ <<Pásame la sal, que te doy la pimienta>> no significa, por lo tanto, un intercambio, en el sentido del **homo oeconomicus** clásico, sino una expresión contundente, en el interior del contrato matrimonial, de la invasión que el neoliberalismo efectúa más allá del ámbito de la economía, convirtiéndose, por consiguiente, en un modo de vivir, de pensar y de actuar. En esa perspectiva, el sujeto del neoliberalismo se sitúa en las antípodas de las dos concepciones de <<sujeto>> que, próximas a Foucault, podrían ser movilizadas contra ese sujeto neoliberal: la del psicoanálisis, de origen freudiano-lacaniano, y la de Deleuze y Guattari en el **Anti-Edipo**. Entretanto, la <<genealogía del hombre de deseo>> que Foucault pretendió realizar en los últimos años de su vida, y de la cual los últimos cursos en el **Collège de France** a partir de 1979 hasta 1984 - y los tres volúmenes de la **Historia de la sexualidad** publicados, sin contar el último, publicado en febrero de 2018 – dan testimonio de que, para Foucault, cualquier concepción todavía vinculada al deseo resulta insatisfactoria para hacer

frente al neoliberalismo. En esta perspectiva, tanto la concepción psicoanalítica del deseo como <<falta>>, acentuada por la tradición Freud-Lacan, como la crítica de Deleuze y Guattari a esa concepción, la del deseo como <<máquina>>, acabarían, en el límite, por unir en el psicoanálisis a sus críticos. Así pues, es necesario que, por medio de la genealogía, se encuentren las raíces profundas de la concepción de <<hombre de deseo>>, a partir de la cual podamos formular una alternativa frente a las estrategias de dominación del neoliberalismo. Todo eso nos llevaría mucho más lejos de lo que permiten las limitaciones de este texto, rumbo al Foucault de los años 1980 y al modo en el cual, en sus últimos escritos, clases y entrevistas, pensó las relaciones entre sujetos, ética y política”.

Verónica Gago: ¿Qué es la crítica al neoliberalismo?

Ao modo do artigo anterior, serão transcritas as palavras finais para as tornar claras sem margem de ambiguidade e para as disputar na sala de aula:

*“ El neoliberalismo necesita ahora aliarse con fuerzas conservadoras retrógradas porque la desestabilización de las autoridades patriarcales pone en riesgo la propia acumulación de capital. Diríamos así: el capital es extremadamente consciente de su articulación orgánica con el colonialismo y el patriarcado para reproducirse como relación de obediencia. Una vez que la fábrica y la familia heteropatriarcal no logran sostener disciplinas, y una vez que el control securitario es desafiado por formas feministas de gestionar la independencia en épocas de precariedad existencial, la contraofensiva se redobra. Y vemos muy claramente por qué neoliberalismo y conservadurismo comparten objetivos estratégicos de **normalización**.*

(...) El movimiento feminista, tomando a las finanzas como un terreno de lucha contra el empobrecimiento generalizado, practica una contrapedagogía respecto de su violencia y sus fórmulas abstractas de explotación de los cuerpos y los territorios.

Agregar la dimensión financiera a nuestra luchas (...) nos permite mapear los flujos de deuda y completar el mapa de la explotación en sus formas más dinámicas, versátiles y aparentemente <<invisibles>>. Entender cómo la deuda extrae valor de las economías domésticas, de las economías no asalariadas, de las economías consideradas históricamente no productivas, permite captar los dispositivos financieros como verdaderos mecanismos de colonización de la reproducción de la vida, de moralización de las existencias, de conducción de los modos de vida desacatados del mandato de género (...) entender la deuda como dispositivo privilegiado de blanqueamiento de flujos ilícitos y, por tanto, de conexión entre economías legales e ilegales como una manera de aumentar la violencia directa contra los territorios. Lo que se busca es justamente una <<economía de la obediencia>> que sirve a los sectores más concentrados del capital y a la caridad como despolitización de acceso a recursos.

(...) encontrar como destila esa invectiva foucaltiana que dice que <<la única cosa realmente triste es no luchar>> y que los textos están destinados a brillar y desaparecer, como los fuegos artificiales”.

Germán Cano: Masa y libertad. Reflexiones sobre la posición crítica del último Foucault.

O viés deste longo e polimórfico tema leva mais uma vez a reduzir, jibarizar, até o ponto de que o artigo de Cano vai-se obviar para incorporar um texto de Foucault, isso sim selecionado e salientado por ele:

“ Y en esa medida, han de darse cuenta de que nos encontramos en una encrucijada donde, por supuesto, se reactivan un cierto número de viejos temas sobre la vida familiar, la copropiedad y un montón de temas críticos que vemos circular por todas partes contra la sociedad mercantil, contra la uniformización por el consumo. Y es así que – sin que haya algo como la recuperación, palabra que rigurosamente no quiere decir nada, entre la crítica que se hacía, digamos en un estilo sombartiano, más o menos desde 1900 contra esta sociedad mercantil, uniformizadora, etc., y los objetivos de la política gubernamental actual – tenemos una convergencia exacta. Unos y otros quieren la misma cosa. Simplemente se equivocan los críticos que se imaginan, cuando denuncian una sociedad digamos <<sombartiana>> entre comillas – quiero decir esa sociedad uniformizadora, de masa, de consumo, de espectáculo, etc. – se equivocan cuando creen estar criticando el objetivo actual de la política gubernamental. Critican otra cosa. Critican algo que sin duda estuvo en el horizonte explícito o implícito, querido o no, de las artes de gobernar de los años (veinte a los años sesenta). Pero hemos superado este estadio. Ya no estamos en él. El arte de gobernar programado hacia los años 1930 por los ordoliberales y que ha llegado a ser la programación de la mayor parte de los gobiernos en los países capitalistas, pues bien, esta programación no busca en absoluto la constitución de este tipo de sociedad. Se trata, al contrario, de obtener una sociedad ajustada no sobre la mercancía y sobre la uniformidad de la mercancía, sino sobre la multiplicidad y la diferenciación de las empresas”.

Ester Jordana: Introducción a una vida no neoliberal.

Som recolhidos apenas os sete pontos, e de modo ainda mais resumido, nos que de forma parafrástica recolhe os princípios enunciados por Foucault em **História da Sexualidade**. E a forma de fazer a colheita será assim mesmo parafrástica (*uma paráfrase numa paráfrase!*):

- Tornar-se ingovernável num exercício de imaginação política em contra as formas de vida dominantes.
- Não classificar ações, pensamentos ou prazeres em base ao lucro.
- Preferir o singular, o anômalo, o inconmensurável e considerar que o produtivo não é o calculável, aliás o extraordinário.

- O elo entre resistência e realidade é o que possui força revolucionária (que nom a sua fugida para as formas do governável).
- Nom considerar a realidade como o limite ontológico do politicamente possível.
- A crítica como prática de vida tem de contestar a capitalizaçom dos espaços e dos tempos.
- Devolver à vida o seu carácter aleatório e fazer da verdade uma exploraçom individual e coletiva doutras formas de vida possíveis.

P.S. Na sala de aula explicitarám-se com brevidade os seguintes itens: a morte do homem, a Ética do cuidado de si, as tecnologias do <<eu>>, o pode como relaçom, a verdade e as verdades.